
A experiência docente de ensino de relações étnico-raciais na universidade pública federal: a adaptabilidade de disciplinas optativas¹

Pedro Henrique CONCEIÇÃO DOS SANTOS²
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

RESUMO

Neste trabalho, proponho uma reflexão acerca da possibilidade do ensino de relações étnico-raciais a partir de sua adaptabilidade a disciplinas optativas. Parto da autoetnografia para exemplificar dois casos ocorridos durante minha atuação como professor substituto. A partir do questionamento sobre quais são as possibilidades de criar disciplinas com conteúdo de relações étnico-raciais, parto da hipótese de que a falta de discussão sobre o tema reside na falta de interlocutores, ou seja, professoras negras e professores negros. Espero que este trabalho auxilie na discussão sobre a implementação das relações étnico-raciais como tema urgente na Comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino; Relações Étnico-Raciais; Ensino Superior; Comunicação; Experiência Docente.

RESUMO EXPANDIDO

Neste resumo expandido, proponho a seguinte reflexão: quais são as possibilidades do ensino de relações étnico-raciais na Comunicação? Esta pergunta surge no momento que assumo meu lugar como professor no Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense, como substituto, e me deparo com a possibilidade de lecionar, após ser chamado pela instituição. Reservo-me o direito de apresentar esse texto em primeira pessoa pois me utilizo da autoetnografia como método qualitativo de pesquisa. Assim como Versiani (2002) aponta, a minha tentativa aqui é de quebrar a dicotomia sujeito/objeto e, nesse sentido, esta produção é a (des)objetificação do trabalho, partindo do ponto que a construção de subjetividades e do próprio conhecimento não se dão apenas de maneira objetiva, como pretende o saber tradicional, mas principalmente a partir do reconhecimento de outras possibilidades. Além disso, no que diz respeito aos grupos subalternizados, o direito à voz reside, também, na posição de não ser apenas o etnografado, mas também o etnógrafo.

Após a assinatura do contrato, soube que deveria ofertar um total de 120 horas em disciplinas, que poderiam ser divididas conforme minha disponibilidade. Esperava

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor substituto no departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense. Doutor em Mídia e Cotidiano pelo Programa de Pós-graduação em Mídia e Cotidiano, email: pedrohenrique.cdossantos@gmail.com.

oferecer alguma das disciplinas existentes que discutem sobre questões raciais, incluindo a disciplina obrigatória intitulada “Comunicação e Relações Étnico-Raciais”. No entanto, não poderia ofertá-la, assim como outras disciplinas de temática afim. Obviamente, tenho um repertório que poderia ser aplicado em outras disciplinas optativas, mas eu realmente gostaria de oferecer cursos que levantassem a discussão racial. Principalmente levando em consideração que o departamento não conta com professoras negras ou professores negros em seu quadro de profissionais efetivos.

Desta maneira, pensando sobre essa possibilidade, procurei disciplinas que pudessem ser repensadas a partir das discussões étnico-raciais. Dentro do cotidiano das universidades públicas federais existe a possibilidade de oferta de disciplinas optativas. Diferentemente das disciplinas obrigatórias, que o corpo discente compulsoriamente se matricula, cursadas dentro da periodização sugerida pelos cursos, as disciplinas optativas podem ser acessadas a partir de um determinado momento da trajetória da graduação, sem uma periodização específica e com a possibilidade de abordagens específicas a partir de ementas com temáticas mais ampliadas, ou seja, com maior adaptabilidade da maneira como a professora ou o professor pretende conduzi-la.

Com este horizonte apontado, eis que surgem as opções para lecionar e escolho quatro disciplinas (30 horas), sendo duas delas disciplinas mais abrangentes. A primeira é chamada “Tópicos especiais sobre o audiovisual I” (GCO00300), com a temática do audiovisual sendo a norteadora das discussões. A segunda é intitulada “Tópicos Especiais em Mídia Impressa I” (GCO00438), sendo reservada para a discussão de mídias impressas, como revistas e jornais. Por conta de todo o processo de supressão das discussões das relações étnico-raciais, conforme aponto em minha tese no capítulo 4 que discute sobre a história da publicidade brasileira sob o ponto de vista de uma pessoa negra (Conceição dos Santos, 2023), havia diversos assuntos que poderiam ser compartilhados e debatidos com os discentes inscritos nas disciplinas.

A título de exemplo, cito que o ensino da história da publicidade brasileira omite, ou pelo menos não dá a devida importância, às discussões étnico-raciais. Foram consultadas três obras que discutiam sobre a história da publicidade no Brasil, a saber: Branco (1994), Marcondes (2001) e Alvares *et al.* (2016). Como o racismo aparece dentro de categorias como a própria epistemologia – através do epistemicídio (Carneiro, 2005) – e do *pouvoir-faire* (“poder fazer”) – na compreensão que o racismo negou certas possibilidades de existência da população negra –, pensei ser necessário sobrepor

a todo esse arcabouço que impede o acesso a outros tipos de conhecimento, inclusive sobre a própria construção de realidade de pessoas negras brasileiras. O que era omitido ou diminuído nos textos sobre a história da publicidade brasileira era a participação do setor comunicativo, tanto pelo jornalismo e da publicidade, da perpetuação do sistema de escravização vigente no século XIX aqui no Brasil. O dinheiro obtido com anúncios sobre pessoas negras em situação de escravização, seja através de compra e venda ou leilões, ou por meio de recompensas daqueles que estavam em fuga na posição de resistência, significaram fontes iniciais para o desenvolvimento da área da Comunicação no Brasil.

Conforme afirmo em trabalho anterior, “notas que há um tipo de mercadoria que não é amplamente discutida com afinco no campo da história publicitária brasileira e fica relegada a um espaço de sete letras em meio a profusão de outros serviços e bens que são ofertados: o escravo” (Conceição dos Santos, 2023, p. 171). Com este trecho não quero lembrar da dor da escravidão, mas da importância do reconhecimento das condições reais de existência de pessoas negras naquela época como *objetos* e não como *sujeitos* pelas pessoas que detinham o suposto “direito” a serem, minimamente, consideradas cidadãs. Isso não significa que pessoas negras não tinham subjetividades, mas que elas já eram desconsideradas naquele momento. Este cenário, dentro do encadeamento de ideias presente na neurose cultural brasileira, apontada de forma brilhante por Gonzalez (2020), em que se sabe sobre o racismo, mas ele é veementemente negado, é replicado dentro da academia, quando se é apontado que não existem possibilidades de inserção da discussão de relações étnico-raciais em disciplinas do ensino superior. Trata-se da negação das subjetividades e da importância de uma discussão que, nos dias de hoje, é central, pois implica no reconhecimento coletivo das implicações do racismo na vida cotidiana.

Em outro momento, discuti em conjunto com a professora Geisa Rodrigues – docente efetiva do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense – sobre relatos de experiência docente (Conceição dos Santos; Rodrigues, 2022). Naquele texto, apresentamos nossa concepção de construção de uma disciplina voltada exclusivamente para questões raciais: a disciplina “Comunicação e Feminismo Negro”. O artigo serve como um guia para aqueles que gostariam de pensar disciplinas sobre a questão das relações étnico-raciais, explicando a idealização da disciplina, a

metodologia e a prática de ensino e seus resultados. O enfoque deste meu novo trabalho recai sobre a parte de idealização das disciplinas.

No que diz respeito à disciplina “Tópicos especiais sobre o audiovisual I”, inspirei-me das discussões sobre Feminismo Negro, em especial sobre os relatos de bell hooks (2022) sobre a importância do pertencimento de mulheres negras, principalmente da possibilidade de não mais se silenciarem, e decidi montar um curso sobre a representação das mulheres negras no audiovisual brasileiro. O que, em um primeiro momento, pareceu um grande desafio, uma vez que mesmo sendo um homem negro não consigo compreender o que significa ser uma mulher negra na sociedade brasileira, tornou-se a possibilidade de um aprendizado coletivo. Digo isso em razão de aprender para ensinar, ouvir as vozes ancestrais de mulheres que lutaram tanto para que hoje tenhamos o espaço que conseguimos em termos acadêmicos. A bibliografia contém apenas mulheres negras, com exceção de um texto que selecionei da minha própria produção. Todos esses textos complexificam não somente o lugar da mulher negra na sociedade brasileira, mas contribuem para discussões sobre o audiovisual em seus diferentes aparatos: telejornalismo, cinema, séries e televisão.

Em relação à disciplina “Tópicos especiais em Mídia Impressa I”, a principal inspiração foi, justamente, a falta de discussões sobre a produção de anúncios em jornais do século XIX, discutida no capítulo 4 de minha tese (Conceição dos Santos, 2023). O curso foi estruturado para compreender como foi a trajetória da mídia impressa brasileira e sua relação com as questões pertinentes às relações étnico-raciais. Parte dos jornais brasileiros no século XIX, com a representação de pessoas em situação de escravização, passando pelos estereótipos vividos por pessoas negras em anúncios nas primeiras décadas do século XX, chegando na figura de Pelé como o responsável pela virada de sentido da representação de pessoas negras na mídia. Nos tópicos consecutivos são discutidas a beleza negra na mídia, os modos de invisibilidade, a representação negra no jornalismo impresso e a violência simbólica, terminando com a produção negra na mídia impressa.

Em ambas as disciplinas, desenvolvo uma técnica de iniciar com discussões consideradas controversas e que possuem um lugar na dor e, aos poucos, demonstro que passos foram dados, oferecendo uma perspectiva de esperança aos discentes matriculados nas disciplinas que estou ministrando. Assim como nos ensina Freire (2021), patrono da educação brasileira que se baseou no trabalho do educador e

revolucionário Amílcar Cabral, além de ser uma das referências teórica de bell hooks, a educação deve ser co-laborativa e, principalmente, deve ser um processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, as reações do corpo discente são imprescindíveis para compreender o que pode ou não ser discutido e de que maneira.

Diante desse quadro ainda inicial, já existem pistas importantes para compreender sobre quais são as possibilidades de construção de conteúdos sobre relações étnico-raciais em disciplinas optativas. A primeira delas é que para que haja esse movimento é necessário ter profissionais negras e negros atuando em universidades como docentes, pois são os responsáveis pelas construções de cursos a serem ofertados. Em segundo lugar, hoje já não há espaço para afirmações de falta de bibliografia ou de pesquisas com mérito acadêmico sobre o assunto, uma vez que, são estudos que vêm sendo prestigiados. No entanto, é preciso observar que são estudos que, geralmente, não fazem parte do escopo de interesse, o que torna a obrigatoriedade das relações étnico-raciais como eixo de ensino ainda mais crucial nos currículos. Ainda, boa parte do alunado disse, de maneira informal e não sistematizada, que as propostas das disciplinas condizem com o poderia ser discutido, significando que tratar sobre relações étnico-raciais pode não significar a exclusão de abordar temas gerais pertinentes ao ensino de Comunicação na prática docente universitária.

REFERÊNCIAS

ALVARES, João Vitor; BASTREGHI, Louane; LIMA, Silvia Christina França; SIMÕES, Vivianne Augusta Pires. A publicidade no Brasil e suas diretrizes. *EDUCERE - Revista da Educação*, Umuarama, PR, v. 16, n. 2, p. 171-180, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/educere/article/view/5966>. Acesso em: 28 jun. 2024.

BRANCO, Renato Castelo. Breve história da propaganda no Brasil. *Revista da ESPM – Escola Superior de Propaganda e Marketing*, São Paulo, SP, v. 1, n. 1, p. 89-96, jun. 1994. Disponível em: https://arquivo.espm.edu.br/revista/junho_1994/files/assets/common/downloads/publication.pdf. Acesso em: 28 jun. 2024.

CONCEIÇÃO DOS SANTOS, Pedro Henrique. **O mito da publicidade antirracista ou sobre o capital de representatividade**: por outro ética publicitária. 354f. Tese (Doutorado em Mídia e Cotidiano) – Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano – Instituto de Arte e Comunicação Social – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023.

CONCEIÇÃO DOS SANTOS, Pedro Henrique; RODRIGUES, Geisa. Perspectivas afrocentradas de ensino em Comunicação: relatos de experiência docente. *PAULUS: Revista de Comunicação da FAPCOM*, v. 6, n. 12, p. 97-109, 2022. Disponível em:

<https://revista.fapcom.edu.br/index.php/revista-paulus/article/view/626>. Acesso em: 28 jun. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 77 ed. Rio de Janeiro, RJ; São Paulo, SP: Paz e Terra, 2021.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia. (orgs.). **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2020b. p. 75-93.

hooks, bell. **E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo**. 10. ed. Rio de Janeiro, RJ: Rosa dos Tempos, 2022.

MARCONDES, Pyr. **Uma história da propaganda brasileira: as melhores campanhas, gênios da criação, personagens**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Ediouro, 2001.

VERSIANI, Daniela Beccaccia. **Autoetnografia: uma alternativa conceitual**. Letras de hoje, v. 37, n. 4, p. 57-72 2002.